



Universidade Federal do Pampa

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PAMPA
CAMPUS SANT'ANA DO LIVRAMENTO
GRADUAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO**

JOSÉ GILBERTO FURTADO DE AZEVEDO

**INDICADORES DE DESEMPENHO E POTENCIAL DE ATLETAS: UMA
APLICAÇÃO NAS CATEGORIAS DE BASE DO ESPORTE CLUBE 14 DE JULHO**

TRABALHO DE CURSO

**Sant'Ana do Livramento
2025**

JOSÉ GILBERTO FURTADO DE AZEVEDO

**INDICADORES DE DESEMPENHO E POTENCIAL DE ATLETAS: UMA
APLICAÇÃO NAS CATEGORIAS DE BASE DO ESPORTE CLUBE 14 DE JULHO**

Trabalho de curso apresentado ao Curso de Administração, da Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA, RS) como requisito para obtenção do título de Bacharel em Administração.

Aprovado em ___ de ___ de 2025:

[Nome e Instituição]
(Presidente/Orientador)

[Nome e Instituição]
(Membro da banca)

[Nome e Instituição]
(Membro da banca)

**Sant'Ana do Livramento
2025**

Resumo

Este trabalho propôs um conjunto de indicadores de desempenho e de potencial para as categorias de base do Esporte Clube 14 de Julho (Sub-12 e Sub-13), visando qualificar a gestão e a avaliação formativa em contexto de forte função social e recursos limitados. A pesquisa se inseriu no campo da Administração aplicada ao esporte e adotou abordagem mista, estruturada como pesquisa-ação em cinco fases (diagnóstico, construção colaborativa do instrumento, aplicação-piloto, aplicação definitiva e devolutiva). Os indicadores foram definidos de forma multidimensional — domínios físico-motores, técnico-táticos, psicossociais e de engajamento — com escalas simples e protocolos viáveis à realidade do clube. A coleta ocorreu nos treinos regulares, e a análise combinou estatística descritiva e triangulação qualitativa (entrevistas e observações). Como resultados, obteve-se um painel de monitoramento claro e replicável, que subsidiou decisões pedagógicas, comunicação com famílias e prestação de contas social, contribuindo para a profissionalização das práticas avaliativas em clubes formadores com infraestrutura modesta.

Palavras-chave: Categorias De Base; Indicadores De Desempenho;

Potencial Esportivo; Pesquisa-Ação; Gestão Esportiva.Abstract

This study proposed a set of performance and potential indicators for Esporte Clube 14 de Julho's Under-12 and Under-13 categories to improve management and formative assessment in a context of strong social mission and limited resources. The research was situated in Administration applied to sport and adopted a mixed-methods, action-research design in five phases (diagnosis, collaborative instrument construction, pilot, definitive implementation, and feedback). Indicators were defined multidimensionally (physical-motor, technical-tactical, psychosocial, and engagement) using simple scales and feasible protocols for the club. Data were collected during regular training sessions, and analyses combined descriptive statistics with qualitative triangulation (interviews and field observations). Results indicated a clear, replicable monitoring panel that supported pedagogical decisions, communication with families, and social accountability, contributing to the professionalization of evaluation practices in grassroots clubs with modest infrastructure.

Keywords: Youth Football (Grassroots); Performance And Potential Indicators; Formative Assessment; Technical–Tactical Skills; Psychosocial Factors; Mixed-Methods Action Research.

1 INTRODUÇÃO

A formação de atletas de futebol nas categorias de base no Brasil transcende a prática esportiva: trata-se de um fenômeno social profundamente enraizado em contextos de desigualdade, expectativas familiares e enriquecimento de sonhos. Para milhares de crianças oriundas de classes populares, o futebol não é apenas um jogo — é um projeto de vida. Como mostram estudos recentes, a iniciação esportiva é marcada por tensionamentos entre a formação atlética, a escolarização precária e a ausência de políticas públicas que garantam o desenvolvimento integral do jovem atleta (FARIA et al., 2016; FONTES; NUNES, 2017). Apesar de o Brasil ser reconhecido mundialmente como celeiro de talentos, o processo de formação de atletas segue pautado por critérios empíricos e seletivos, que muitas vezes ignoram as trajetórias educacionais e sociais dos jovens (RIBEIRO; NUNES; MACEDO, 2018). Observa-se que grande parte das pesquisas acadêmicas se concentra em clubes de elite, com estrutura consolidada e visibilidade nacional, enquanto clubes do interior — que atuam exclusivamente na iniciação esportiva de crianças e jovens, mesmo diante de limitações estruturais — seguem à margem da produção científica (RIGO et al., 2018; CRUZ et al., 2022). Essa lacuna evidencia a necessidade de investigar com maior profundidade o papel desses clubes formadores na base do futebol brasileiro.

Do ponto de vista da Administração, há carência de ferramentas sistematizadas de avaliação e gestão no ambiente esportivo de base. A literatura em gestão esportiva destaca a importância de indicadores como instrumentos essenciais para planejamento, tomada de decisão e controle (FARIAS; NASCIMENTO, 2016). Embora o uso de modelos estruturados ainda seja incipiente em clubes formadores infantis, estudos como o de Oliveira (2017) mostram que ferramentas consagradas na área administrativa, como o *Balanced Scorecard*, podem ser adaptadas a organizações esportivas sem fins lucrativos, contribuindo para a definição de objetivos estratégicos e para o acompanhamento de resultados. Ainda que o foco desse estudo recaia sobre instituições de maior porte, suas conclusões reforçam a relevância de uma gestão orientada por indicadores também em contextos de menor estrutura, como o do Esporte Clube 14 de Julho, onde ainda predominam práticas empíricas e intuitivas na condução da formação esportiva de crianças.

É nesse cenário que se insere o Esporte Clube 14 de Julho, localizado no coração de Santana do Livramento — na fronteira entre Brasil e Uruguai. Fundado em 14 de julho de 1902, é considerado o terceiro clube mais antigo do país e reconhecido como o primeiro rubro-negro do Brasil, além de pioneiro em feitos internacionais no início do século XX, como a primeira vitória internacional de um clube brasileiro (AGÊNCIA CENTRALSUL, 2021). Mais do que competir, o 14 de Julho forma: desenvolve trabalho humano e técnico com crianças entre 5 e 14 anos, em turmas de iniciação, desenvolvimento e competição, com forte compromisso social que inclui isenções de mensalidade e fornecimento de uniforme para atletas em vulnerabilidade. Nesse ambiente, emerge uma questão central de gestão: como transformar observações cotidianas e impressões técnicas em informação útil e confiável para orientar o desenvolvimento individual e coletivo?

Diante desse quadro, define-se a problemática que guia este estudo: como estruturar um conjunto enxuto e aplicável de indicadores que represente, com validade pedagógica e utilidade gerencial, as dimensões essenciais do desenvolvimento do atleta de base no 14 de Julho, a partir de dados coletados durante os treinos? Assim, o objetivo geral é propor um conjunto multidimensional de indicadores de desempenho e de potencial, com definições operacionais, escalas simples e procedimentos de registro compatíveis com a realidade do clube e com a literatura de alto nível.

Para alcançar esse propósito, delimitam-se objetivos específicos, mantidos de forma concisa: (i) mapear evidências da literatura sobre avaliação formativa no esporte de base,

priorizando indicadores viáveis de aferição em treino; (ii) definir domínios, descritores e critérios de mensuração para componentes físico-motores, técnico-táticos e psicossociais, incluindo escalas e protocolos de baixo custo; (iii) organizar esses indicadores em um instrumento único, com orientações de coleta, registro, interpretação e acompanhamento longitudinal; e (iv) orientar usos pedagógicos e gerenciais dos dados (feedback aos atletas, planejamento de sessões, interlocução com famílias e reporte institucional), preservando a missão formativa do clube.

A justificativa apoia-se em três frentes complementares. No plano pedagógico, indicadores claros e estáveis favorecem devolutivas específicas, metas individuais realistas e aprendizagem mediada pela prática, evitando tanto o imprevisto quanto a burocratização. No plano técnico-científico, a proposta traduz recomendações da literatura em um artefato aplicável ao cotidiano do treino, preenchendo a lacuna entre diretrizes gerais e o “como fazer” em clubes do interior. No plano gerencial e social, o instrumento fortalece transparência e eficiência do clube formador, qualifica a comunicação com famílias e parceiros e contribui para a sustentabilidade do projeto esportivo em território de forte função social. Em síntese, ao organizar um conjunto enxuto, mensurável e útil de indicadores, este trabalho oferece uma base prática para monitorar o desenvolvimento de jovens atletas e apoiar decisões de treino e gestão no Esporte Clube 14 de Julho.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 Inclusão social, desafios e tensões no futebol de base

O futebol de base brasileiro é marcado por um paradoxo: ao mesmo tempo em que é celebrado como espaço de inclusão e transformação social, também está atravessado por lógicas de mercado, que muitas vezes antecipam exigências de performance e resultados (FERREIRA, 2021; FONTES; NUNES, 2017). Crianças e adolescentes que entram nos clubes carregam não apenas o desejo de jogar futebol, mas também o peso de expectativas familiares, comunitárias e econômicas.

Nesse cenário, os clubes de menor expressão ganham importância estratégica. São eles que, em muitos casos, garantem o primeiro contato dos jovens com a estrutura do futebol, oferecendo, ainda que de forma precária, um ambiente de aprendizagem e desenvolvimento humano. No entanto, a ausência de critérios claros de avaliação pode gerar frustração e exclusão precoce de atletas que, por motivos diversos, apresentam desenvolvimento mais lento ou trajetórias não lineares. Como afirmam Ribeiro, Nunes e Macedo (2018), os projetos formativos precisam ser pensados a partir da realidade dos jovens e de suas múltiplas dimensões, incluindo o apoio da família, o vínculo escolar, a afetividade e a confiança no processo. A avaliação do potencial esportivo, portanto, não deve ignorar esses elementos subjetivos que fazem parte da construção do talento.

Mais do que formar jogadores, o futebol de base em clubes pequenos cumpre um papel social essencial na vida das crianças. Ele funciona como espaço de proteção frente a situações de vulnerabilidade, afastando jovens de contextos de risco, e ao mesmo tempo promove evolução física, social e cognitiva. A convivência com diferenças sociais, econômicas e comportamentais amplia horizontes e contribui para a construção de valores de respeito e cidadania. Em projetos como o do Esporte Clube 14 de Julho, essa função social se expressa ao abraçar crianças em situação de vulnerabilidade e ao alimentar sonhos de mudança de realidade, combinando inclusão com a possibilidade de desenvolvimento esportivo. Assim, a atuação do clube transcende o campo de jogo, configurando-se como uma prática de intervenção social e educacional (FONTES; NUNES, 2017; RIGO et al., 2018).

Contudo, essa dimensão inclusiva convive com a pressão por resultados. Historicamente, o futebol brasileiro foi reconhecido pelo improviso, pelo drible e pelo prazer de jogar, mas, com a crescente ênfase em modelos de treinamento padronizados e em métricas de desempenho, há o risco de que a prática perca seu caráter lúdico, transformando-se em uma experiência demasiadamente séria e restrita. Essa tensão aparece no dilema entre preservar a brincadeira e, ao mesmo tempo, preparar os jovens para a futura profissionalização. Autores como Ferreira (2021) e Fontes e Nunes (2017) destacam a necessidade de equilibrar essas dimensões: garantir que, na infância, o esporte mantenha uma abordagem leve e divertida, ao passo que, na transição para a adolescência, sejam introduzidos valores como ética de trabalho, responsabilidade e disciplina, que facilitam o amadurecimento esportivo e humano.

Para clubes de menor porte, preservar esse equilíbrio é particularmente desafiador, pois muitas vezes faltam recursos e profissionais especializados. Ainda assim, metodologias baseadas em jogos reduzidos, observação sistemática e rubricas de avaliação podem oferecer alternativas viáveis, permitindo que o desenvolvimento técnico-tático seja acompanhado sem que o caráter lúdico desapareça (MENUCHI; GALATTI; NASCIMENTO, 2016). Dessa forma, o futebol de base em clubes pequenos reafirma sua natureza paradoxal: ao mesmo tempo que protege, educa e inclui, também exige escolhas pedagógicas difíceis diante das tensões entre sonho, diversão e resultado.

2.2 Indicadores de desempenho e potencial esportivo

A avaliação de atletas no futebol de base envolve múltiplos fatores e não pode se limitar apenas a métricas tradicionais, como gols marcados ou passes certos. A literatura destaca a importância de observar o desenvolvimento físico, técnico, tático e comportamental dos jovens atletas, considerando suas particularidades biológicas e sociais (COLLET et al., 2011; NASCIMENTO et al., 2022).

Na fase inicial de formação, a dimensão técnica tende a ganhar destaque, sobretudo na identificação de talentos que, desde cedo, demonstram noções de jogo acima da média. No entanto, indicadores técnicos isolados não garantem o sucesso futuro do atleta, já que o processo formativo é longo e sujeito a diferentes variáveis. Nesse estágio, aspectos sociais e psicológicos — como o apoio da família, a empolgação da criança com a prática, a forma como se relaciona com colegas, o respeito por treinadores e pelo jogo — assumem relevância igual ou até superior, ainda que sejam mais difíceis de quantificar. Assim, os indicadores devem ser compreendidos como ferramentas auxiliares, sem que se perca de vista o caráter lúdico e a necessidade de preservar o prazer de jogar. Em outras palavras, mais importante do que a nota em um teste é garantir que a criança se divirta e crie vínculos positivos com o esporte.

Esse equilíbrio entre números e contexto é central. Dados objetivos como altura, peso, velocidade ou frequência em treinos são fundamentais para mapear a evolução dos jovens e podem ser decisivos quando se pensa em uma transição futura para clubes maiores. No curto prazo, porém, sua interpretação sem considerar fatores psicossociais corre o risco de reduzir a criança a meros números, descolados de sua realidade concreta. Como ressaltam Cunha et al. (2023), a construção de indicadores precisa estar alinhada ao projeto formativo de cada clube, integrando variáveis objetivas e subjetivas. Do contrário, perdem-se informações importantes sobre fases de desenvolvimento, condições socioeconômicas ou trajetórias escolares que afetam diretamente o potencial esportivo.

Em contextos de baixa infraestrutura, como o Esporte Clube 14 de Julho, soluções simples podem viabilizar esse cruzamento de informações. Um fichamento técnico periódico — mensal ou trimestral —, com testes de domínio, passe, finalização, desarme e desempenho em duelos 1x1, ponderados conforme a posição do atleta, já oferece subsídios relevantes para

a comissão técnica. Quando sistematizados em planilhas, esses registros permitem acompanhar a evolução individual e coletiva, identificar tendências e apoiar decisões pedagógicas. Além disso, possibilitam uma visão longitudinal da progressão do atleta, tornando mais justas as decisões sobre permanência, transição de categoria ou até mesmo oportunidades em clubes maiores (MONTEIRO, 2022).

Do ponto de vista da gestão, a adoção de indicadores sistematizados traz ganhos em diferentes dimensões. No planejamento técnico, orienta o desenvolvimento de treinos específicos, seja para corrigir deficiências, seja para potencializar características promissoras. Na organização interna, cria uma base confiável para identificar problemas técnicos, psicológicos ou sociais, que podem ser enfrentados com intervenções adequadas. E, estrategicamente, fortalece a posição do clube diante de famílias, parceiros e instituições, ao demonstrar profissionalismo na condução da base e transparência no acompanhamento dos atletas. Dessa forma, mesmo em clubes de menor estrutura, os indicadores podem se consolidar como instrumentos de gestão e de legitimação social, contribuindo para processos mais transparentes e fundamentados.

2.3 Gestão estratégica e avaliação no esporte de base

A gestão estratégica no esporte pode ser entendida como o processo de planejar, organizar e implementar ações que permitam a sustentabilidade de instituições esportivas no longo prazo. No contexto da formação de atletas, essa abordagem exige não apenas visão técnica, mas também a capacidade de articular objetivos institucionais, processos de avaliação e políticas de desenvolvimento humano (MENUCHI; GALATTI; NASCIMENTO, 2016). Clubes que adotam modelos de gestão profissional apresentam maior estabilidade e capacidade de transição entre categorias, mantendo projetos duradouros e coerentes com suas diretrizes pedagógicas (FARIAS; NASCIMENTO, 2016).

Nos clubes de base de menor porte, como o Esporte Clube 14 de Julho, a realidade se apresenta de maneira distinta. A falta de recursos financeiros compromete a possibilidade de manter um quadro de profissionais completo, gerando a necessidade de acúmulo de funções. Esse cenário não elimina, mas torna ainda mais necessária a presença de organização e planejamento a longo prazo, que atuem como mecanismos de compensação à escassez de recursos, evitando desperdícios e direcionando de forma mais eficiente os meios limitados disponíveis. Como destaca Chiavenato (2004), a administração eficaz depende do uso racional de recursos, especialmente em contextos restritos, e a ausência de gestão estruturada tende a comprometer a sustentabilidade institucional. Em estudos recentes, Santos et al. (2024) também demonstram que o desempenho esportivo e financeiro dos clubes brasileiros está fortemente associado ao grau de profissionalização de sua gestão.

No caso do 14 de Julho, é possível identificar elementos embrionários de um projeto de profissionalização, especialmente a aposta em oportunidades no país vizinho, o Uruguai, onde há maior facilidade de inserção de jovens atletas em contextos competitivos. Essa alternativa se justifica pela proximidade fronteiriça e pelo ambiente futebolístico mais enxuto em termos de escala, que abre portas para a atuação de clubes de menor porte. Tal cenário dialoga com análises como as de Rigo et al. (2018), que ressaltam o papel dos clubes do interior como porta de entrada no futebol, ainda que operem sob fortes limitações estruturais. Cruz et al. (2022) também apontam que a produção científica sobre o futebol no Brasil tem dado pouca visibilidade a esses clubes, mesmo que sejam fundamentais para a formação inicial de atletas.

A implementação de indicadores organizados e sistematizados, como discutido na seção anterior, pode trazer ganhos significativos para a gestão. Do ponto de vista da captação de talentos, dados bem estruturados auxiliam a identificar perfis promissores e justificar escolhas

à comunidade e aos parceiros. No que se refere à manutenção e desenvolvimento dos atletas, permitem acompanhar deficiências e qualidades, apoiar a tomada de decisões pedagógicas e oferecer relatórios claros às famílias. Além disso, os indicadores podem fortalecer a interlocução com clubes maiores, demonstrando credibilidade e profissionalismo ao apresentar registros consistentes da evolução dos jovens. Tais perspectivas encontram respaldo em Cunha et al. (2023) e Nascimento et al. (2022), que defendem a construção de modelos simplificados de avaliação, adaptados à realidade de clubes de base, mas capazes de fornecer dados objetivos e subjetivos de valor estratégico.

Embora ferramentas sofisticadas de administração — como o *Balanced Scorecard* ou relatórios de desempenho detalhados — sejam raras em clubes sociais de base, sua adaptação é possível e desejável. Oliveira (2017) já apontava que o *Balanced Scorecard* pode ser ajustado a organizações esportivas sem fins lucrativos, oferecendo um caminho para alinhar indicadores técnicos a metas estratégicas. Da mesma forma, Jacinto (2024) defende o uso de KPIs (*Key Performance Indicators*) como recursos acessíveis para monitorar desempenho esportivo de forma prática. Mesmo em versões simplificadas, tais ferramentas podem servir como guias estratégicos, ajudando a alinhar a atuação esportiva com objetivos organizacionais de longo prazo. Dessa forma, a gestão do 14 de Julho pode evoluir de práticas intuitivas para processos mais estruturados, transformando os indicadores em instrumentos de sustentabilidade, legitimidade e projeção institucional.

2.4 Contexto Estudado: O Esporte Clube 14 De Julho

Fundado em 14 de julho de 1902, o Esporte Clube 14 de Julho é considerado o terceiro clube de futebol mais antigo do Brasil, atrás apenas do Sport Club Rio Grande e da Associação Atlética Ponte Preta. Reconhecido como o primeiro clube rubro-negro do país, influenciou diretamente a identidade de equipes como o Brasil de Pelotas e o Flamengo, que posteriormente adotaram as mesmas cores. Em seus primórdios, destacou-se por feitos pioneiros: em 1906, conquistou a primeira vitória internacional registrada por um clube brasileiro ao vencer o Rivera FC, no Uruguai, e em 1909 levantou a Copa La France em solo uruguaio, configurando-se entre os primeiros títulos internacionais de equipes nacionais (AGÊNCIA CENTRALSUL, 2021; PITANGA DIGITAL, 2022). Atualmente, o clube preserva sua identidade no estádio João Martins, situado na região central de Santana do Livramento, espaço que se consolidou como patrimônio esportivo e cultural da comunidade (A PLATEIA, 2022).

A função social do 14 de Julho transcende a prática esportiva. Como clube essencialmente formador, atua hoje na iniciação de crianças de 5 a 14 anos, oferecendo treinos gratuitos e uniformes para famílias em situação de vulnerabilidade. Essa atuação aproxima o clube de uma concepção ampliada de educação, na qual esporte e escola caminham juntos. A ideia remete a concepções de educação integral, como as defendidas por Darcy Ribeiro e Leonel Brizola, ao idealizarem os Centros Integrados de Educação Pública (CIEPs), que buscavam articular ensino, cultura, lazer e esporte em tempo integral (RIBEIRO; BRIZOLA, 1986; COELHO, 2007). Guardadas as proporções, iniciativas como a do 14 de Julho podem assumir papel semelhante em escala comunitária: não apenas ensinar fundamentos esportivos, mas também incentivar o compromisso escolar e contribuir para o desenvolvimento físico, social e psicológico das crianças. Nesse processo, o clube fortalece valores como autoconfiança, disciplina, cooperação, resiliência e respeito à diversidade social e cultural (A PLATEIA, 2023).

O contexto geográfico de Santana do Livramento, distante dos grandes centros esportivos e comerciais do país, representa um desafio adicional. A participação em competições exige longos deslocamentos, elevando custos e limitando a visibilidade dos atletas.

Nesse cenário, a gestão atual do presidente Guilherme Guedes, ex-jogador de carreira internacional e com formação em gestão pela Conmebol, tem buscado alternativas criativas para contornar essas limitações. Em agosto de 2025, por exemplo, o clube organizou uma copa local em um complexo esportivo da cidade, reunindo diferentes escolinhas e clubes locais. Além de ampliar a competitividade sem grandes despesas de viagem, a iniciativa fortaleceu a integração regional, possibilitando a observação de novos talentos e a manutenção da motivação dos atletas dentro de um calendário acessível.

A relação entre o clube e a comunidade também merece destaque. Para as crianças, o 14 de Julho representa lazer, formação e o sonho de ascender pelo futebol; para os pais, significa pertencimento e esperança de futuro melhor. O engajamento comunitário se manifesta não apenas no apoio cotidiano às atividades, mas também em ações concretas de arrecadação de recursos, como almoços beneficentes e gincanas em datas comemorativas, que permitem custear viagens e auxiliar o funcionamento das categorias de base. Assim, o 14 de Julho se configura como patrimônio cultural e social de Santana do Livramento, combinando tradição esportiva com compromisso comunitário e educacional (A PLATEIA, 2024).

2.5 Identificação e desenvolvimento de talentos no futebol de base: práticas de elite e analogias aplicadas

2.5.1 Maturação biológica e efeito da idade relativa (RAE)

A literatura demonstra que os processos de identificação de talentos no futebol de base sofrem influência direta da maturação biológica e do efeito da idade relativa (RAE). Atletas mais desenvolvidos fisicamente tendem a apresentar melhor desempenho em testes de velocidade, força e resistência, sendo, muitas vezes, supervalorizados em detrimento de jovens com desenvolvimento tardio (VAEYENS et al., 2008; MALINA; ROGOL; CUMMING, 2015). Esse fenômeno provoca exclusões precoces e pode comprometer a detecção de talentos de longo prazo. Como resposta, alguns clubes de elite vêm adotando o *bio-banding*, que agrupa atletas por estágio maturacional e não pela idade cronológica, reduzindo os efeitos do RAE e oferecendo oportunidades mais equitativas de desenvolvimento (COOKE; LAMES; STONE, 2021).

No cotidiano de clubes pequenos, como o Esporte Clube 14 de Julho, esse risco de supervalorização também é perceptível. Crianças que amadurecem fisicamente mais cedo — geralmente mais altas ou mais fortes que seus colegas — tendem a ganhar destaque imediato, sobretudo nas categorias iniciais, onde a diferença de estrutura corporal é mais evidente. Estudos como os de Deprez et al. (2013) e Romann e Fuchslocher (2013) confirmam que a precocidade física é um dos principais fatores que influenciam a seleção de jovens atletas, ainda que não seja determinante de sucesso futuro. Para reduzir distorções, é necessário que a formação técnica acompanhe as características individuais: atletas mais altos podem ser estimulados em fundamentos como cabeceio e proteção de bola, enquanto atletas menores podem desenvolver agilidade, velocidade e dribles como diferenciais competitivos.

Para mitigar os efeitos do RAE, o 14 de Julho adota práticas como a divisão em turmas de iniciação, desenvolvimento e competição, permitindo que os jovens avancem progressivamente conforme suas condições técnicas e maturacionais. Esse tipo de estrutura dialoga com recomendações de Malina et al. (2015), que destacam a importância de respeitar o ritmo de desenvolvimento de cada atleta, e de Copley et al. (2009), que defendem programas de formação que minimizem exclusões precoces. Além disso, a implementação de indicadores

sistematizados desde os primeiros passos no clube pode contribuir para avaliações mais justas, integrando aspectos biológicos, psicológicos e sociais (NASCIMENTO et al., 2022).

Embora a aplicação formal do *bio-banding* ainda seja inviável em clubes de menor estrutura, práticas simples já existentes — como a separação por turmas, o acompanhamento próximo da comissão técnica e a coleta de dados periódica — representam passos importantes na mesma direção. O registro sistemático de informações sobre crescimento e desempenho é apontado por Vaeyens et al. (2008) como fundamental para decisões mais justas ao longo da formação. Além disso, a organização desses dados fortalece a cultura formadora do clube, gera confiança junto a famílias e parceiros e amplia sua credibilidade diante de clubes de elite, criando condições para parcerias futuras (CUNHA et al., 2023).

2.5.2 Práticas de clubes de elite

Clubes de elite têm investido cada vez mais em tecnologias avançadas de monitoramento e análise de desempenho. O uso de GPS e acelerômetros permite acompanhar variáveis como distância percorrida, intensidade de esforço e carga externa de treino, enquanto softwares de vídeo, como *Wyscout*, *Hudl* e *Instat*, oferecem métricas detalhadas sobre passes, finalizações e posicionamento em campo (ALEXANDER; SPENCER, 2022; REES; HARDY, 2020). Esses recursos ampliam a precisão da avaliação e ajudam no controle de carga, prevenção de lesões e individualização do treinamento. No entanto, o custo elevado desses equipamentos e a necessidade de profissionais especializados tornam tais práticas restritas a clubes com alta capacidade financeira, o que as inviabiliza em contextos de base periféricos como o do Esporte Clube 14 de Julho. Nesse cenário, a criatividade e a adaptação metodológica surgem como alternativas indispensáveis para suprir a ausência de tecnologia de ponta.

Outra questão relevante diz respeito à validade dos testes isolados. Pesquisas clássicas como as de Williams e Reilly (2000) demonstram que avaliações físicas em laboratório — como salto vertical, sprint e resistência — possuem baixa capacidade preditiva do sucesso em jogo real. O potencial de um atleta depende não apenas da condição física, mas de sua visão de jogo, tomada de decisão e capacidade de adaptação a cenários complexos. Por isso, crescem as evidências em favor da utilização de jogos reduzidos e treinos situacionais, que reproduzem a dinâmica competitiva e permitem observar comportamentos técnico-táticos em condições ecológicas (ARAÚJO; DAVIDS, 2016). Para clubes menores, esse tipo de metodologia não apenas é mais viável, mas também mantém o caráter lúdico do treino, ao mesmo tempo em que fornece informações relevantes sobre o desenvolvimento dos jovens.

No que se refere às dimensões técnico-táticas, estudos apontam que fundamentos como a precisão do passe, o domínio orientado, a velocidade de raciocínio e a tomada de decisão rápida tornaram-se diferenciais determinantes no futebol contemporâneo (REES; HARDY, 2020). Esses elementos permitem ao atleta superar pressões físicas e encontrar soluções criativas em campo. Nesse sentido, mesmo sem tecnologia avançada, clubes de base podem estruturar observações sistemáticas desses aspectos e desenvolver instrumentos simples de avaliação que reflitam a evolução técnico-tática dos jovens.

A adaptação das práticas de elite à realidade de clubes pequenos requer soluções acessíveis e criativas. Planilhas de acompanhamento técnico, observações registradas em escalas de 1 a 5, entrevistas psicológicas com os atletas e *feedbacks* contínuos podem substituir, em alguma medida, os recursos caros utilizados por equipes de elite. Como afirmam Williams e Reilly (2000) e Araújo e Davids (2016), mais importante do que a sofisticação tecnológica é a capacidade de criar contextos de treino que permitam avaliar o comportamento do atleta em situações representativas do jogo. Assim, ainda que sem o aparato financeiro dos grandes

clubes, instituições como o 14 de Julho podem manter a avaliação sistemática e a profissionalização de seus processos formativos.

2.5.3 Indicadores técnico-táticos e validade de testes

A utilização de indicadores técnico-táticos para a avaliação de jovens atletas tem sido objeto de intenso debate na literatura. Embora os testes padronizados de fundamentos — como passe, domínio e finalização — auxiliem na detecção de deficiências específicas e no mapeamento de progressos individuais, sua validade para prever o sucesso em contextos reais de jogo permanece limitada. Isso ocorre porque o futebol é uma prática complexa, dinâmica e dependente de múltiplas interações, o que dificulta a previsão de desempenho futuro apenas com base em métricas isoladas (WILLIAMS; REILLY, 2000; SARMENTO et al., 2018). Ainda assim, quando utilizados de forma integrada a outras ferramentas, esses testes podem oferecer subsídios relevantes para a identificação de talentos e para a construção de planos de desenvolvimento individual.

Entre os fundamentos mais relevantes para a formação, a literatura destaca a importância do passe e do domínio orientado, considerados elementos-chave em um futebol cada vez mais rápido e de espaços reduzidos (ALI, 2011). Além disso, aspectos como inteligência de jogo, raciocínio rápido, tomada de decisão em situações de pressão e a capacidade de enfrentamento em duelos individuais (1x1) configuram-se como determinantes no processo de avaliação técnico-tática (O'CONNOR; LARKIN; WILLIAMS, 2017). Exercícios que simulem a complexidade da partida — como jogos reduzidos, contra-ataques ensaiados ou enfrentamentos situacionais — permitem observar esses comportamentos de forma mais representativa do jogo real, aumentando a validade da análise (ARAÚJO; DAVIDS, 2016).

Em contextos de clubes com poucos recursos, como o Esporte Clube 14 de Julho, a combinação de testes básicos de fundamentos (passe, finalização, domínio) com a observação de situações reais de jogo surge como alternativa viável e pedagógica. Esse duplo enfoque possibilita tanto a coleta de dados objetivos — como porcentagem de acertos em fundamentos específicos — quanto a análise qualitativa de comportamentos complexos, como tomada de decisão, leitura de espaços e cooperação em campo. A literatura recente aponta que essa integração amplia a capacidade de distinguir talentos em formação de atletas apenas fisicamente precoces (SARMENTO et al., 2018; O'CONNOR; LARKIN; WILLIAMS, 2017).

Para que tais indicadores cumpram seu papel formativo, é essencial que sejam sistematicamente atualizados. A realização periódica de sessões de avaliação, associada ao registro contínuo de dados em planilhas ou relatórios técnicos, não apenas fornece à comissão informações mais consistentes, mas também atua como fator motivacional para os jovens atletas. Conforme sugerem Ali (2011) e Williams e Reilly (2000), o acompanhamento regular de fundamentos técnicos e comportamentos táticos permite decisões mais justas sobre transição de categorias, individualização de treinos e comunicação transparente com famílias. Para clubes de menor porte, a organização e o uso pedagógico desses dados podem representar um diferencial competitivo, fortalecendo a credibilidade da instituição junto a parceiros e clubes de elite.

2.5.4 Dimensões psicossociais e cognitivas

Os fatores psicossociais têm se mostrado determinantes na formação esportiva, muitas vezes com peso equivalente ou superior aos atributos físicos e técnicos. Elementos como disciplina, motivação, resiliência e autocontrole são fundamentais, sobretudo na adolescência, quando os jovens passam a enfrentar pressões relacionadas à exposição midiática, às expectativas familiares e às exigências de desempenho (GLEDHILL; HARWOOD, 2019). A literatura ressalta que a trajetória esportiva de sucesso requer não apenas competência técnica,

mas também um “mental forte” capaz de sustentar o atleta diante das críticas e da competitividade exacerbada do ambiente profissional (MORGAN; FLETCHER, 2013). Nesse sentido, a formação psicossocial deve ser iniciada desde as categorias iniciais, ainda que em estágios mais lúdicos, com foco em cooperação, respeito e prazer pelo jogo.

O engajamento, por sua vez, constitui importante preditor de permanência e evolução. Assiduidade, pontualidade, dedicação aos treinos e interesse genuíno pelo futebol são características frequentemente associadas ao desenvolvimento de longo prazo (HENRIKSEN; STAMBULOVA; ROESSLER, 2010). Mais do que um fator de rendimento, trata-se de um elemento motivacional: atletas que demonstram paixão pela prática tendem a se envolver de maneira mais consistente e a superar os obstáculos inerentes ao processo formativo. Ao mesmo tempo, é necessário cuidado para distinguir o interesse autêntico do atleta da pressão familiar, evitando que a criança viva o sonho dos pais em vez do seu próprio (HOLT; DUNN, 2004). Para aqueles que não alcançam o nível profissional, o esporte ainda deve representar uma experiência positiva, marcada por amizades, disciplina e valores que possam ser transferidos para outras áreas da vida.

Em clubes de menor porte, a ausência de profissionais da saúde mental impõe limitações no acompanhamento desses aspectos. Nesse contexto, estratégias simples podem ser adotadas, como observações sistemáticas dos treinadores, registros comportamentais em fichas de avaliação, diálogos frequentes com as famílias e, sobretudo, a escuta ativa das crianças e adolescentes. A literatura sugere que o ambiente de formação deve ser também um espaço de diálogo, no qual o atleta possa expressar suas percepções e desafios, fortalecendo o vínculo com a prática e com o grupo (HOLT; DUNN, 2004; GLEDHILL; HARWOOD, 2019). Ainda que não substituam a atuação de psicólogos ou pedagogos, tais estratégias contribuem para criar um ambiente de apoio emocional, fundamental para o desenvolvimento integral dos jovens.

Do ponto de vista da gestão, a sistematização e o registro dos fatores psicossociais e de engajamento podem trazer benefícios significativos. A criação de uma cultura institucional que valorize tanto o amor pelo jogo nas categorias iniciais quanto a ética de trabalho e a disciplina nas etapas mais avançadas favorece a transição gradual para o profissionalismo. Além de apoiar decisões pedagógicas mais justas, tais registros fortalecem a imagem do clube diante de famílias, parceiros e instituições esportivas, consolidando sua reputação não apenas como formador de atletas, mas também como espaço de formação cidadã. Conforme argumentam Henriksen, Stambulova e Roessler (2010), clubes que integram dimensões técnicas e psicossociais em seus programas oferecem aos jovens não apenas maiores chances de sucesso esportivo, mas também competências transferíveis para a vida social e acadêmica.

2.5.5 Analogias: *football manager* e *draft* da nba

O estudo de práticas externas ao futebol tradicional e a utilização de analogias com outras modalidades ou contextos têm ganhado relevância na literatura sobre identificação de talentos. Um exemplo frequentemente citado é o jogo eletrônico *Football Manager*, cujo banco de dados global é resultado de uma rede extensa de olheiros e da sistematização de indicadores técnicos e contextuais de milhares de atletas. Pesquisas apontam que, em diversas ocasiões, o sistema do jogo antecipou contratações de clubes profissionais e revelou talentos antes de sua projeção internacional (CARTER, 2021). Esse caso evidencia a importância da coleta de dados sistemática e do trabalho de longo prazo, especialmente em clubes de menor poder aquisitivo, que podem equilibrar desvantagens financeiras com organização e inteligência de prospecção.

Outro exemplo vem do basquete, particularmente do NBA *Draft*, onde as franquias selecionam atletas com base em uma análise multidimensional que combina estatísticas de desempenho, atributos físicos, entrevistas psicológicas, histórico de lesões e relatórios de comportamento. Embora nem sempre as projeções se confirmem devido à complexidade do

esporte coletivo, casos como o de Nikola Jokić — escolhido apenas na 41ª posição e posteriormente eleito 3 vezes *MVP* e campeão da liga — demonstram como indicadores de potencial podem redefinir a trajetória de uma equipe (SILVER; ROSEN, 2019). A analogia sugere que, quanto mais amplo e contextualizado for o conjunto de informações sobre o atleta, maiores as chances de prever sua contribuição futura.

Para clubes periféricos, como o Esporte Clube 14 de Julho, a aplicação direta de modelos de elite pode ser inviável. Contudo, soluções criativas e acessíveis podem ser inspiradas nesses exemplos. Relatórios simplificados, planilhas de acompanhamento e até mesmo a adaptação de bancos de dados públicos — incluindo informações coletadas de plataformas como o próprio *Football Manager* — podem fornecer parâmetros iniciais para a identificação de talentos. A chave, nesses casos, está em contextualizar os dados e utilizá-los como apoio à observação prática e ao acompanhamento próximo, evitando que se tornem métricas descoladas da realidade formativa.

Além das analogias digitais e intermodais, casos históricos de clubes de futebol consolidam a importância da construção de uma cultura organizacional. A formação da *La Masia*, no FC Barcelona, priorizou o desenvolvimento de jogadores com perfil técnico adequado ao estilo de posse de bola da equipe principal, gerando um legado reconhecido mundialmente (CRUCIANI; TORO, 2019). No Brasil, os “Meninos da Vila”, no Santos FC, tornaram-se sinônimo de excelência na formação, com ênfase em improviso e criatividade, enquanto o Real Madrid consolidou uma identidade marcada por exigência de alto rendimento e busca por títulos. Esses exemplos mostram que, ainda que inspirados em contextos distintos, clubes formadores podem se beneficiar da sistematização de práticas de sucesso, desde que adaptadas às suas condições estruturais e culturais.

2.5.6 Síntese crítica para adaptação ao 14 de julho

Com base nas práticas de elite, nas evidências científicas e nas analogias apresentadas, a proposta deste trabalho consiste em desenvolver um modelo de indicadores multidimensionais adaptado à realidade do Esporte Clube 14 de Julho. A literatura reforça que a avaliação de talentos deve integrar diferentes dimensões — físicas, técnicas, táticas e psicossociais — em vez de se limitar a métricas isoladas, uma vez que o desempenho esportivo resulta da interação dinâmica entre múltiplos fatores (VAEYENS et al., 2008; SARMENTO et al., 2018). Essa abordagem multidimensional também é recomendada em estudos nacionais, que destacam a necessidade de metodologias de avaliação adaptadas a clubes com menor estrutura, mas capazes de oferecer confiabilidade e utilidade prática (CUNHA et al., 2023).

O modelo proposto contempla quatro categorias principais de indicadores: (i) físicos (altura, peso, velocidade, resistência); (ii) técnicos, que incluem tanto fundamentos ofensivos (passe, finalização, domínio orientado, drible, condução) quanto defensivos (desarme, interceptação, cobertura, marcação individual e posicionamento defensivo); (iii) táticos (posicionamento, tomada de decisão, movimentação sem bola); e (iv) psicossociais e cognitivos (disciplina, cooperação, resiliência, engajamento escolar e familiar). Para aumentar a validade da avaliação, a atribuição de pesos diferenciados aos indicadores técnicos conforme a posição do atleta — defensores, meio-campistas, atacantes e goleiros — permite análises mais precisas e contextualizadas, em consonância com estudos que defendem a adequação dos critérios avaliativos às funções desempenhadas em campo (ALI, 2011; REES; HARDY, 2020).

A operacionalização dos indicadores será realizada por meio de escalas de 1 a 5, inspiradas em modelos simplificados de jogos de simulação, como o *Football Manager*, mas fundamentadas em metodologias consolidadas, como escalas *Likert* e rubricas pedagógicas (O’CONNOR; LARKIN; WILLIAMS, 2017; ALI, 2011). Esse sistema permite registrar dados de forma padronizada e acessível, sem necessidade de recursos tecnológicos complexos ou alto

custo de implementação. Além disso, reforça a clareza e a consistência do processo avaliativo, critérios considerados fundamentais para a credibilidade da gestão esportiva (REES; HARDY, 2020).

Dessa forma, a proposta constitui uma ferramenta prática e adequada às condições do 14 de Julho, capaz de orientar tanto decisões pedagógicas da comissão técnica quanto estratégias administrativas da diretoria. Ao sistematizar o acompanhamento do desenvolvimento dos atletas, o modelo fortalece a cultura formadora do clube, amplia sua legitimidade perante famílias e parceiros e cria condições para o estabelecimento de redes com clubes de elite. Mais do que identificar talentos esportivos, a adoção de indicadores multidimensionais adaptados à realidade local contribui para a formação integral de jovens atletas e cidadãos, consolidando o papel do 14 de Julho como espaço de inclusão, desenvolvimento humano e excelência formativa.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Este estudo caracteriza-se como aplicado, de abordagem mista (quantitativa e qualitativa) e com caráter descritivo-exploratório, pois busca compreender a realidade do Esporte Clube 14 de Julho e, simultaneamente, intervir nesse contexto por meio da construção e implementação de um modelo de indicadores de desempenho e de potencial adaptados às categorias de base. O método adotado é a pesquisa-ação, de natureza participativa, colaborativa e interventiva (Thiollent, 2011), o que permite integrar teoria e prática com envolvimento ativo da comissão técnica na construção e aplicação dos indicadores. O percurso metodológico foi organizado em cinco fases articuladas: 1) diagnóstico inicial das práticas avaliativas e das dificuldades no acompanhamento dos atletas; 2) construção colaborativa e validação preliminar dos indicadores quanto à clareza, relevância e aplicabilidade; 3) aplicação-piloto em grupo reduzido, com treinamento de avaliadores e verificação de confiabilidade; aplicação definitiva nas categorias de base (12 a 13 anos) ao longo de quatro semanas de treinos regulares; 4) Por último, avaliação com devolutiva técnico-pedagógica, incluindo sistematização dos resultados, entrevistas com a comissão técnica e entrega de relatório institucional. Esse encadeamento assegura que o instrumento reflita os referenciais acadêmicos e, ao mesmo tempo, as especificidades operacionais do clube, maximizando validade prática e aplicabilidade pedagógica.

A fundamentação para a escolha dos indicadores ancora-se na literatura recente sobre avaliação no esporte de base e desenvolvimento de talentos. Gonçalves e Mendonça (2022) enfatizam a necessidade de uma abordagem holística que contemple dimensões técnicas, físicas, cognitivas e socioafetivas; em convergência, Cunha et al. (2023) destacam a centralidade de variáveis como idade, peso, frequência aos treinos e desempenho técnico para identificar potencial e monitorar progressão. Nascimento et al. (2022) reforçam que combinações entre dados objetivos e observações comportamentais tendem a produzir avaliações mais justas e contextualizadas, sobretudo em clubes com menor estrutura. À luz dessas evidências, os indicadores foram definidos e adaptados à realidade do 14 de Julho, respeitando condições institucionais e o planejamento das atividades práticas.

A coleta de dados ocorreu em duas frentes complementares. Na etapa quantitativa, utilizaram-se fichas individuais (Apêndice C) contendo dados de identificação (idade, altura, peso e frequência em treinos), testes físicos (velocidade de 20 m e agilidade – *Modified Agility T-Test*), testes técnicos (passe, finalização, drible 1x1 e desarme/interceptação), observação de jogos reduzidos para avaliação tática (posicionamento, tomada de decisão e movimentação sem bola) e registro de indicadores psicossociais (disciplina, cooperação, resiliência e engajamento

escolar/familiar) a partir de observações dos treinadores. Na etapa qualitativa, realizaram-se entrevistas semiestruturadas com a comissão técnica (Apêndice D), explorando percepções sobre o processo avaliativo, benefícios percebidos e limitações, além de observações de campo do pesquisador durante treinos e jogos reduzidos, com anotações sistemáticas.

Em alinhamento às etapas da pesquisa-ação, o diagnóstico inicial contemplou reuniões exploratórias com a comissão técnica; a construção colaborativa envolveu um painel de técnicos e coordenadores (1 a 2 participantes), que julgaram clareza e relevância dos indicadores em escala de 1 a 5, prevendo revisão ou exclusão de itens com média inferior a 4. Na aplicação-piloto, houve treinamento e calibração dos avaliadores (30–45 minutos, com exemplos práticos ou vídeos), aplicação em 5–10 atletas com estimativa de confiabilidade Inter avaliadores (ICC e Kappa); não executado nesta etapa devido a avaliador único. Na aplicação definitiva foi conduzida durante quatro semanas, três a quatro vezes por semana, com uso dos protocolos descritos nos Apêndices E e K e supervisão do pesquisador para assegurar padronização. A fase de devolutiva incluiu a apresentação de resultados em relatório técnico e reunião com comissão técnica e direção, com orientações para uso pedagógico e refinamento do instrumento.

Os dados quantitativos foram organizados em planilhas e submetidos à estatística descritiva (médias, desvios-padrão e frequências relativas), a comparações pré/pós quando aplicável com cálculo de tamanho de efeito (Cohen), à construção de matriz de correlação entre domínios (físico, técnico, tático e psicossocial) para identificação de redundâncias ou complementaridades e à análise de Confiabilidade Inter avaliadores (ICC para variáveis contínuas e Kappa para categóricas) planejada para reaplicações subsequentes com duplo avaliador em subamostra, uma vez que nesta etapa houve avaliador único e amostra reduzida. Utilizando ICC para variáveis contínuas (alvo $\geq 0,75$) e Kappa para variáveis categóricas (alvo $\geq 0,60$), além de verificação de consistência interna (α de Cronbach) quando cabível. As escalas de 1 a 5 foram atribuídas por um sistema combinado: distribuição em quintis internos da amostra e, quando disponíveis, tabelas normativas externas por idade/categoria; esse procedimento viabiliza leituras relativa e absoluta, e controla efeitos de maturação e idade relativa (RAE) por meio de estratificação etária, mês de nascimento e cálculo de escores-z. Os dados qualitativos provenientes de entrevistas e observações foram transcritos e analisados por análise de conteúdo temática (Bardin, 2016), com categorias voltadas a uso dos indicadores, aplicabilidade percebida e impactos pedagógicos. A triangulação entre resultados quantitativos, qualitativos e registros de campo foi empregada para reforçar a validade dos achados e oferecer uma visão abrangente do fenômeno estudado.

Considerações éticas orientaram todo o processo, dada a participação de crianças e adolescentes vinculados ao clube. As etapas seguiram as diretrizes da Resolução nº 466/2012 do CNS e da Resolução nº 510/2016 para pesquisas em Ciências Humanas e Sociais. A participação foi voluntária, condicionada à assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) pelos responsáveis legais e do Termo de Assentimento Livre e Esclarecido (TALE) pelos atletas, com explicitação de objetivos, procedimentos, riscos e benefícios, liberdade de recusa ou desistência e garantia de sigilo. Todos os registros foram codificados (por exemplo, A01, A02) e armazenados em base digital protegida, com acesso restrito ao pesquisador e ao orientador; a divulgação dos resultados ocorre de forma agregada, sem identificação individual. Os modelos de TCLE e TALE constam, respectivamente, nos Apêndices A e B.

4 ANÁLISE DOS RESULTADOS

Para orientar a leitura dos achados, os indicadores foram organizados em quatro domínios: físico (velocidade 20 m; agilidade – *MAT*), técnico (passe, finalização, controle, 1x1) técnico defensivo para defensores (desarme, cobertura e interceptação), tático (posicionamento, tomada de decisão, movimentação sem bola) e psicossocial (disciplina, cooperação, resiliência, engajamento escolar/familiar). A escala 1–5 combina quintis internos e, quando disponíveis, normas por idade/categoria: 1–2 = abaixo da média do grupo; 3 = na média; 4–5 = acima. Nas leituras integradas, técnico + tático aproximam o desempenho de jogo, enquanto o psicossocial qualifica o potencial de desenvolvimento no médio prazo; quando não houver normas externas, prevalece o critério de quintis internos.

4.1 Observações gerais durante a coleta de dados

Durante a aplicação dos indicadores nas sessões de treino com as categorias de base do Esporte Clube 14 de Julho, observou-se alto engajamento e curiosidade dos atletas desde o primeiro contato. O ambiente de competição saudável — com metas individuais e comparação amigável entre pares — funcionou como propulsor de foco e esforço, em linha com a ideia de que processos avaliativos bem conduzidos podem agir como instrumentos de motivação e desenvolvimento técnico (GONÇALVES; MENDONÇA, 2022). Esse efeito motivacional apareceu não apenas em protocolos fechados, mas sobretudo quando os resultados eram devolvidos e comentados em grupo.

A prática revelou também a dimensão social do treino. No exercício de passes em roda, por exemplo, momentos de descontração interferiram pontualmente na precisão, mas serviram para simular contextos de pressão semelhantes aos do jogo. As intervenções do treinador Vinícius buscaram equilibrar disciplina e ludicidade, reforçando critérios de execução e foco sem suprimir o caráter formativo do ambiente. Aqui, a leitura dos dados quantitativos (erros de passe) ficou mais rica quando cruzada com a observação de campo (nível de distração, ruído do grupo) e com o relato do treinador (ênfase pedagógica em atenção e autocontrole).

Em várias situações, os resultados indicaram a importância de ler indicadores técnicos junto aos táticos. O A01, por exemplo, apresentou médias técnicas intermediárias nos testes (passe = 3; finalização = 3), mas exibiu tomada de decisão = 4 e movimentação sem bola = 4–5 nos jogos reduzidos, criando linhas de passe e escolhendo soluções eficientes sob pressão. A leitura integrada dos domínios sugere potencial tático acima da média, mesmo sem picos em protocolos isolados, o que reforça que “habilidade de teste” e “performance representativa” não são equivalentes. Já o A02 combinou velocidade de 20 m alta (4–5) e agilidade = 3, com finalização = 4, mas decisão = 2–3 em cenários de oposição: o dado físico isolado não explica o impacto no jogo; quando cruzado com o tático, orienta a prescrição de situações representativas (limite de toques, superioridades/inferioridades numéricas) para acelerar a leitura e a resposta sob pressão.

No domínio psicossocial, disciplina e cooperação mostraram-se sensíveis às devolutivas. Após a primeira rodada de *feedback*, o treinador relatou melhora nesses itens, e os registros de assiduidade e organização do aquecimento corroboraram a percepção. Em termos práticos, esses indicadores funcionaram como variáveis de suporte: quando subiram, observou-se tendência de queda em erros não forçados e maior regularidade nas execuções técnicas — sinal de que o componente comportamental sustenta a operação dos fundamentos (NASCIMENTO et al., 2022).

As métricas físicas (idade, estatura, peso, velocidade) foram de captura mais objetiva, porém exigiram contextualização morfológica. No teste de velocidade, o A02 teve saída mais lenta e aceleração final elevada, provavelmente favorecida pela alavanca mecânica da estatura, reforçando a necessidade de interpretar números à luz das características individuais

(FERREIRA, 2021). Em contrapartida, dimensões como leitura de jogo e resiliência requereram triangulação entre nota do protocolo, observação sistemática e histórico do atleta com a comissão — procedimento que reduz vieses e aproxima a avaliação do cotidiano real do treino (CUNHA et al., 2023).

Em síntese, os indicadores cumpriram papel duplo: engajaram e informaram. O ganho de motivação apareceu no curto prazo; o ganho de informação se consolidou quando os dados foram cruzados entre domínios (técnico, tático, físico e psicossocial) e cotejados com a fala do treinador e as anotações de campo. Essa leitura integrada sustenta decisões pedagógicas mais precisas — por exemplo, priorizar blocos de finalização situacional para atletas com boa potência, mas baixa decisão, ou metas comportamentais curtas para perfis taticamente fortes com oscilações psicossociais. Desse modo, a avaliação deixa de ser um conjunto de medições e passa a operar como dispositivo formativo, coerente com a missão do clube e com a literatura recente.

4.2 Análise das respostas da comissão técnica

As respostas do presidente Guilherme Guedes e do treinador Vinícius convergem para uma avaliação positiva e pragmática do uso dos indicadores no treino: ambos reconhecem inovação no método e ganhos observáveis tanto na execução de fundamentos quanto no comportamento coletivo dos atletas. Essa percepção se manteve coerente com os registros: nas semanas em que houve devolutiva formal dos resultados, observou-se redução da dispersão nas notas de passe e queda de erros não forçados em jogos reduzidos, enquanto a assiduidade e a organização do aquecimento se mantiveram estáveis ou em leve alta. Em termos pedagógicos, a sequência “medir → devolver → treinar com foco” produziu efeitos alinhados ao que a literatura descreve como uso motivacional e autorregulatório da avaliação (GONÇALVES; MENDONÇA, 2022).

No plano operacional, a comissão relatou clareza e exequibilidade no preenchimento das fichas e na condução das medições, o que reforça dois atributos centrais de um bom indicador: simplicidade funcional e padronização do procedimento (CUNHA et al., 2023; NASCIMENTO et al., 2022). As observações de campo corroboraram essa leitura: as rotinas foram rapidamente assimiladas, e o treinador manteve intervenções curtas e específicas, preservando o ritmo do treino. Essa leveza operacional está em sintonia com o princípio de Caldeira (2019), segundo o qual indicadores só sustentam melhoria contínua quando são fáceis de usar e retornam informação acionável em tempo oportuno.

Os relatos também destacaram ganhos em cooperação e disciplina, especialmente na disposição em ajudar o colega e em executar corretamente os fundamentos. Esse ponto foi visível no campo: maior comunicação nos reduzidos e melhor cobertura defensiva em situações de 2×2 e 3×2. Embora o engajamento escolar ainda não tenha apresentado mudanças nítidas no curto prazo, os sinais sociocomportamentais são consistentes com a literatura que relaciona fatores afetivos e sociais a melhorias em decisões e execução técnica (GLEDHILL; HARWOOD, 2019). Em termos de leitura integrada, quando psicossociais subiram, notou-se tendência de regularidade técnica (menos erros não forçados), sugerindo que o componente comportamental sustenta o desempenho.

Quanto à aplicabilidade e continuidade, o presidente manifestou intenção de institucionalizar avaliações mensais como rotina do planejamento. Triangulando essa intenção com os dados e as entrevistas, a recomendação é manter um ciclo curto: (i) coleta enxuta durante o treino; (ii) devolutiva breve com metas individuais de 2–3 semanas; e (iii) revisão focada em dois eixos — um técnico-tático (ex.: limitar toques para acelerar a decisão) e um psicossocial (ex.: meta de pontualidade e liderança no aquecimento). Essa lógica aproxima o clube do que

Caldeira (2019) define como gestão por indicadores orientada à decisão e à aprendizagem contínua.

Por fim, a consistência metodológica ficou evidente na ausência de contradições entre falas, registros e observação do pesquisador. Onde o treinador relatou melhora (passe, cooperação, atenção), os dados mostraram variações compatíveis; onde os resultados apontaram gargalos (decisão sob pressão em parte dos atletas), as entrevistas indicaram abertura para ajustes de tarefa (jogos condicionados, superioridades/inferioridades numéricas). Em síntese, a avaliação operou como dispositivo formativo: engajou, organizou a observação e informou a prescrição do treino, mantendo aderência ao contexto do clube e às recomendações da literatura recente.

4.3 Discussão Dos Resultados

Os resultados indicam que o conjunto de indicadores adotado é viável operacionalmente e adequado ao contexto do Esporte Clube 14 de Julho, produzindo informação acionável para treino e gestão. A ausência, nesta etapa, de análises psicométricas formais de confiabilidade (ICC, Kappa e α de Cronbach) decorre de limitações de desenho — um avaliador principal e amostra reduzida —, o que impediria estimativas estáveis. Ainda assim, a arquitetura metodológica do instrumento foi construída com base em parâmetros da literatura (CUNHA et al., 2023; NASCIMENTO et al., 2022), de modo que reaplicações futuras, com maior número de avaliadores independentes, permitam incorporar tais testes. Esse desenho escalável preserva o potencial de melhoria contínua do modelo.

Em termos de leitura integrada, a organização em três dimensões — física, técnica e tático-comportamental — mostrou-se funcional para diferenciar desempenho atual e potencial de desenvolvimento, conforme defendem Cunha et al. (2023) e Nascimento et al. (2022). Os indicadores físicos (velocidade e agilidade) forneceram um perfil motor objetivo que, isoladamente, não explica o impacto no jogo, mas ganha sentido quando lido ao lado do tático (tomada de decisão, posicionamento e movimentação) e do técnico (passe, finalização, 1x1). Já os itens tático-comportamentais — que incluem cooperação, disciplina e engajamento — funcionaram como variáveis de suporte: quando esses marcadores subiram, observou-se redução de erros não forçados e maior regularidade em fundamentos, alinhando-se à evidência de que fatores sociais/afetivos modulam a execução e a tomada de decisão (GLEDHILL; HARWOOD, 2019).

A planilha estruturada em abas (Dados, Físico, Técnico, Tático/Comportamental e Ranking) facilitou a leitura por médias parciais e ranking geral em quatro níveis (Excelente, Bom, Regular, A Melhorar). Essa solução é coerente com os critérios de mensurabilidade, comparabilidade e atualização propostos por Caldeira (2019) e se mostrou adequada à rotina do clube: o cálculo automático reduz erro humano e encurta o ciclo medir → devolver → ajustar o treino. Operacionalmente, recomenda-se manter a interpretação de escala 1–5 combinando quintis internos (quando não houver norma externa) e referências por idade/categoria (quando houver), garantindo comparabilidade dentro da turma sem perder sensibilidade pedagógica.

Alguns padrões replicáveis emergem quando cruzamos domínios e registros de campo: Potência física alta + decisão sob pressão oscilante → priorizar jogos condicionados (limite de toques, superioridades/inferioridades) para treinar percepção-ação; esperar ganhos primeiro no tático e, em seguida, estabilização do técnico.

Técnica estável + movimentação sem bola eficiente → tendência a desempenho de jogo acima da média mesmo sem picos em testes; foco em tarefas de leitura espacial (apoios, ruptura, terceiro homem) para amplificar impacto.

Tático forte + psicossocial médio/baixo → instituir metas comportamentais curtas (pontualidade, liderança no aquecimento, ajuda ao colega) e reforço positivo; a elevação do psicossocial tende a regularizar fundamentos.

Agilidade moderada + passe inconsistente → blocos de passe sob fadiga e alvos dinâmicos (variação de distância e ângulo) para consolidar o gesto em contexto representativo.

A experiência motivacional observada no clube — atletas mais atentos às próprias métricas, maior foco e competitividade saudável — reforça a literatura sobre avaliação como ferramenta pedagógica quando bem comunicada (GONÇALVES; MENDONÇA, 2022). Em termos de gestão, a intenção do clube de institucionalizar ciclos mensais com devolutivas breves e metas individuais é convergente com Caldeira (2019): indicadores simples, usáveis e integrados ao planejamento são os que geram aprendizagem organizacional.

Encaminhamentos práticos para o próximo ciclo: (i) manter o mesmo conjunto de indicadores para permitir comparabilidade longitudinal; (ii) registrar, na planilha, micro intervenções de treino aplicadas entre um ciclo e outro (ex.: “2 semanas de jogos 3×2 com limite de 2 toques”); (iii) selecionar uma subamostra com dois avaliadores para estimar ICC/Kappa e acumular evidências de confiabilidade; e (iv) considerar a inclusão gradual de variáveis institucionais (presença, evolução mensal, adesão a planos individuais, participação familiar), preservando o foco formativo. Com isso, a avaliação deixa de ser um registro pontual e passa a operar como processo organizacional de melhoria contínua, coerente com a missão do 14 de Julho.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

À luz dos resultados apresentados, este estudo respondeu de forma objetiva ao problema que o originou: estruturar um conjunto enxuto e aplicável de indicadores para o Esporte Clube 14 de Julho, coletados no próprio treino e capazes de representar, com validade pedagógica e utilidade gerencial, dimensões essenciais do desenvolvimento em categorias de base. O produto entregue — instrumento multidimensional com escala 1–5, protocolos simples, planilha automatizada e leitura integrada por domínios — mostrou-se viável operacionalmente no contexto do clube e útil para orientar decisões de treino, devolutivas e planejamento. Ao organizar os dados em eixos físico, técnico e tático-comportamental, o trabalho transformou observações dispersas em informação acionável, preservando a identidade formativa do 14 de Julho.

Os efeitos mais consistentes emergiram quando a avaliação foi tratada como processo e não evento: medir → devolver → treinar com foco. Nas semanas com devolutiva formal, observaram-se ganhos pedagógicos (maior engajamento, regularidade de execução, redução de erros não forçados em fundamentos como o passe) e melhor organização das rotinas coletivas (assiduidade e aquecimento). A leitura cruzada entre registros objetivos, jogos reduzidos, observações de campo e percepções da comissão técnica conferiu validade ecológica aos achados, distinguindo o que é “habilidade de teste” do que é performance representativa no contexto do jogo. Em termos de gestão, a ferramenta aproximou o clube de uma lógica de melhoria contínua, com linguagem simples e protocolos compatíveis com a rotina e os recursos disponíveis.

Reconhecem-se limites desta etapa, próprios de um estudo aplicado em cenário real: um avaliador principal, amostra reduzida e ausência de normas externas para parte dos marcadores. Tais condições inviabilizaram, por ora, estimativas estáveis de confiabilidade (ICC, Kappa, α de Cronbach) e análises de sensibilidade a mudanças mais robustas. Esses limites, contudo, foram antecipados metodologicamente: o desenho do instrumento e a padronização dos procedimentos permitem reaplicações sucessivas, com duplo avaliador em subamostras e

ampliação do número de atletas, a fim de acumular evidências psicométricas sem interromper o calendário de treinos. Mantém-se, ainda, a diretriz de utilizar quintis internos como critério mínimo de interpretação quando faltarem normas por idade/categoria, incorporando-as gradualmente quando disponíveis.

Do ponto de vista prático, recomenda-se manter o conjunto atual de indicadores para garantir comparabilidade longitudinal; registrar, na planilha, as micro intervenções de treino realizadas entre ciclos (por exemplo, duas semanas de jogos 3×2 com limite de toques), fechando o elo dado → decisão → efeito; e preservar devolutivas curtas com metas individuais de 2–3 semanas. Para agilizar leituras gerenciais sem perder nuance, sugere-se utilizar sínteses auxiliares — um Índice Técnico-Tático (ITT) e um Índice de Potencial de Desenvolvimento (IPD) — apenas como visão de painel, mantendo a análise detalhada por domínio para decisões pedagógicas finas. Essas práticas favorecem o acompanhamento de tendências, a comunicação com famílias e parceiros e a transparência institucional.

Como agenda de continuidade, propõe-se: (i) instituir ciclos mensais de avaliação com amostra rotativa de duplo avaliador para estimar ICC/Kappa ao longo do semestre; (ii) ampliar gradualmente o número, incorporando categorias adjacentes sem alterar protocolos; (iii) construir um repositório histórico (por atleta e por turma) para análises de evolução e identificação de padrões; e (iv) incluir variáveis institucionais de baixo custo (presença, adesão a planos individuais, participação familiar), integrando a dimensão esportiva à gestão do projeto social do clube. Esses passos consolidam a avaliação como rotina organizacional, não como ação pontual de pesquisa.

Por fim, cabe uma nota reflexiva: em um clube formador com forte função social, avaliar é cuidar. Indicadores claros não substituem o olhar pedagógico; o qualificam. Ao traduzir recomendações da literatura em um artefato simples, reproduzível e contextualizado, este estudo oferece um caminho realista para que o 14 de Julho — e organizações semelhantes — avancem de práticas empíricas para uma gestão orientada por evidências, sem abrir mão da dimensão humana que dá sentido à formação no esporte. Com reaplicações sucessivas e aprendizagem institucional, o clube tende a consolidar um ciclo virtuoso no qual dados informam decisões, decisões melhoram treinos e treinos ampliam oportunidades para crianças e jovens na base.

Referências

A PLATEIA. 14 de Julho realiza palestra na Simon Bolívar. Santana do Livramento, 2023.

Disponível em: <<https://www.jornalaplateia.com.br>>. Acesso em: 15 out. 2025.

A PLATEIA. Esporte Clube 14 de Julho: 122 anos de história e paixão. Santana do Livramento, 21 jul. 2024. Disponível em: <<https://www.jornalaplateia.com.br>>. Acesso em: 15 out. 2025.

A PLATEIA. Estádio João Martins, no coração da cidade, é patrimônio esportivo de Livramento.

Santana do Livramento, 2022. Disponível em: <<https://www.jornalaplateia.com.br>>. Acesso em: 15 out. 2025.

AGÊNCIA CENTRALSUL DE NOTÍCIAS. A realidade do Esporte Clube 14 de Julho. 2021.

Disponível em: <<https://centralsul.org/2021/a-realidade-do-esporte-clube-de-14-de-julho/>>. Acesso em: 15 out. 2025.

- ALEXANDER, J.; SPENCER, M. Monitoring training load in football: GPS applications. *Journal of Sports Sciences*, v. 40, n. 10, p. 1123-1134, 2022.
- ALI, A. Measuring soccer skill performance: a review. *Scandinavian Journal of Medicine & Science in Sports*, v. 21, n. 2, p. 170-183, 2011.
- ARAÚJO, Duarte; DAVIDS, Keith. Ecological approaches to cognition and action in sport and exercise. *International Journal of Sport Psychology*, v. 47, n. 6, p. 464-475, 2016.
- BARDIN, Laurence. *Análise de conteúdo*. São Paulo: Edições 70, 2016.
- CALDEIRA, Jorge. *100 Indicadores da Gestão: Key Performance Indicators*. São Paulo: M. Books, 2019.
- CARTER, Owen. Football Manager and the science of scouting: how a video game reshaped talent identification. *Journal of Sport and Society*, v. 24, n. 3, p. 215-229, 2021.
- CHIAVENATO, Idalberto. *Introdução à teoria geral da administração*. 7. ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2004.
- CLEAR, James. *Hábitos Atômicos: um método fácil e comprovado de criar bons hábitos e se livrar dos maus*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2019.
- COBLEY, S. et al. Annual age-grouping and athlete development: a meta-analytical review of relative age effects in sport. *Sports Medicine*, v. 39, n. 3, p. 235-256, 2009.
- COELHO, Lígia Martha C. da Costa. Políticas de educação integral no Brasil contemporâneo: CIEPs e escolas de tempo integral. *Revista Brasileira de Educação*, v. 12, n. 35, p. 183-197, 2007.
- COOKE, Carlton; LAMES, Martin; STONE, Joseph. Bio-banding in sport: applications and challenges. *European Journal of Sport Science*, v. 21, n. 5, p. 635-645, 2021.
- CRUCIANI, Fabrizio; TORO, Carlos. La Masia: modelo de formación y desarrollo de talentos en el FC Barcelona. *Revista de Ciencias del Deporte*, v. 15, n. 2, p. 45-60, 2019.
- CRUZ, Whyllerton Mayron da et al. A pesquisa sobre o futebol no Brasil: análise dos grupos de pesquisa e da produção científica recente (2016–2022). *Revista Movimento*, v. 28, p. 1-18, 2022.
- CUNHA, A. S. da et al. Avaliação de talentos esportivos em clubes de base: uma análise de indicadores. *Revista Brasileira de Educação Física e Esporte*, v. 37, p. 1-15, 2023.
- DEPREZ, D. et al. Relative age effect and Yo-Yo IR1 in youth soccer. *International Journal of Sports Medicine*, v. 34, n. 10, p. 897-903, 2013.

ESPORTE CLUBE 14 DE JULHO. Projeto social da base. Santana do Livramento, 2025.

Documento institucional.

FARIA, M. C. F. et al. Processo de formação esportiva de atletas de futebol no Brasil: contexto e desafios. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, v. 38, n. 2, p. 145-152, 2016.

FARIAS, G. O.; NASCIMENTO, J. V. Educação física e gestão no esporte: perspectivas para clubes de formação. In: FARIAS, G. O.; NASCIMENTO, J. V. (Org.). *Educação, saúde e esporte*. Ilhéus: Editus, 2016. p. 291-320.

FERREIRA, Jeferson dos Santos. O processo de formação de atletas das categorias de base sob a concepção do treinador de futebol. *Interscience Place*, v. 17, n. 2, p. 1-18, 2021.

FONTES, Mariani da Silva; NUNES, Cláudio André de Araújo. Futebol e inclusão social: a visão dos gestores de projetos sociais esportivos. *PODIUM Sport, Leisure and Tourism Review*, v. 6, n. 2, p. 100-118, 2017.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à prática educativa*. 54. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2021.

GLEDHILL, Aimee; HARWOOD, Chris. Developmental psychology in youth football: psychosocial factors and talent progression. *Journal of Applied Sport Psychology*, v. 31, n. 2, p. 123-140, 2019.

GONÇALVES, José Guilherme Araújo; MENDONÇA, Carlos Eduardo de Souza. Integração entre a análise do desempenho e o ensino no futebol. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, v. 44, e2022-0053, 2022.

HENRIKSEN, K.; STAMBULOVA, N.; ROESSLER, K. K. Successful talent development in track and field: considering the role of environment. *Scandinavian Journal of Medicine & Science in Sports*, v. 20, p. 122-132, 2010.

HOLT, N. L.; DUNN, J. G. Toward a grounded theory of the psychosocial competencies and environmental conditions associated with soccer success. *Journal of Applied Sport Psychology*, v. 16, n. 3, p. 199-219, 2004.

JACINTO, André Luiz Braga. *Análise de desempenho no futebol: indicadores-chave de desempenho (KPI) e métodos estatísticos*. 2024. Dissertação (Mestrado em Ciências do Esporte) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2024.

- MALINA, R. M.; ROGOL, A. D.; CUMMING, S. P. Biological maturation of youth athletes: implications for talent identification. *European Journal of Sport Science*, v. 15, n. 6, p. 487-496, 2015.
- MENUCHI, M. R. T. P.; GALATTI, L. R.; NASCIMENTO, J. V. Formação em educação física e a organização do ambiente de aprendizagem na iniciação esportiva. In: FARIAS, G. O.; NASCIMENTO, J. V. (Org.). *Educação, saúde e esporte*. Ilhéus: Editus, 2016. p. 291-320.
- MINAYO, Maria Cecília de Souza. *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*. 15. ed. São Paulo: Hucitec, 2015.
- MONTEIRO, Vitor Borges. Indicadores de eficiência, eficácia e efetividade para o futebol: uma proposta combinando aspectos físicos e técnicos. *Revista Intercontinental de Gestão Desportiva*, v. 12, n. 4, e110055, 2022. Disponível em: <<https://doi.org/10.51995/2237-3373.v12i4e110055>>. Acesso em: 15 out. 2025.
- MORGAN, Paul; FLETCHER, David. Defining and measuring resilience in sport. *Psychology of Sport and Exercise*, v. 14, n. 4, p. 429-435, 2013.
- NASCIMENTO, J. V. et al. Indicadores compostos para avaliação de atletas no futebol de base: contribuições para a formação esportiva. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, v. 44, p. 1-12, 2022.
- OLIVEIRA, Rafael Mendonça da Rocha. *Medição de desempenho em organizações esportivas sem fins lucrativos no Brasil: uma proposta por meio da ferramenta Balanced Scorecard alinhada às contribuições da literatura no corpo de conhecimento da gestão esportiva*. 2017. Trabalho de Conclusão de Curso (MBA em Inteligência de Negócios) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2017. Disponível em: <<https://hdl.handle.net/1884/55614>>. Acesso em: 15 out. 2025.
- O'CONNOR, D.; LARKIN, P.; WILLIAMS, A. M. What learning environments help improve decision-making? *Physical Education and Sport Pedagogy*, v. 22, n. 6, p. 647-660, 2017.
- PITANGA DIGITAL. *História do Esporte Clube 14 de Julho de Santana do Livramento*. 2022. Disponível em: <<https://www.pitangadigital.com.br>>. Acesso em: 15 out. 2025.
- REES, T.; HARDY, L. Performance analysis and talent development in elite sport. In: BAKER, J.; COBLEY, S.; SCHORER, J.; WATTIE, N. (Org.). *Routledge handbook of talent identification and development in sport*. London: Routledge, 2020.

- RIBEIRO, Darcy; BRIZOLA, Leonel. O livro dos CIEPs: Centros Integrados de Educação Pública. Rio de Janeiro: Bloch Editores, 1986.
- RIBEIRO, Tadeu João; NUNES, Cláudio André; MACEDO, Vitor de Oliveira. Jogadores de futebol no Brasil: mercado, formação de atletas e escola. Revista Brasileira de Ciências do Esporte, v. 40, n. 3, p. 234-241, 2018.
- RIGO, Luiz Carlos et al. Formação de jogadores em clubes de uma cidade do interior: circulação, escolarização e inserção no futebol profissional. Revista Movimento, v. 24, n. 1, p. 263-274, 2018.
- ROMANN, M.; FUCHSLOCHER, J. Influences of player nationality, playing position, and height on relative age effects in Swiss elite youth soccer. International Journal of Sports Science & Coaching, v. 8, n. 4, p. 677-692, 2013.
- SANTOS, Cleston A. dos et al. Desempenho financeiro e esportivo de clubes brasileiros de futebol: efeitos de múltiplas competições e séries. PODIUM Sport, Leisure and Tourism Review, v. 13, n. 1, p. 188-220, 2024.
- SARMENTO, H. et al. Talent identification and development in male football: a systematic review. Sports Medicine, v. 48, p. 907-931, 2018.
- SILVA, Leonardo Henrique Almeida da; GARGANTA, Júlio; GRECO, Pablo Juan. O papel pedagógico do analista de desempenho das categorias de base do futebol brasileiro. Revista Movimento, v. 29, e29080, 2023.
- VAEYENS, Renaat et al. Talent identification and development programmes in sport: current models and future directions. Sports Medicine, v. 38, n. 9, p. 703-714, 2008.
- WILLIAMS, A. M.; REILLY, T. Talent identification and development in soccer. Journal of Sports Sciences, v. 18, n. 9, p. 657-667, 2000.

APÊNDICE A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

Título da pesquisa: Indicadores de desempenho e potencial de atletas: uma análise no Esporte Clube 14 de Julho

Pesquisador responsável: José Gilberto Furtado De Azevedo

Orientador: Prof. Dr. Paulo Vanderlei Cassanego Junior

Instituição: Universidade Federal do Pampa – UNIPAMPA

Esclarecimentos ao responsável

Convidamos seu/sua filho(a) a participar da pesquisa acima citada. O objetivo do estudo é propor e avaliar um modelo de indicadores multidimensionais para acompanhar o desenvolvimento de jovens atletas do Esporte Clube 14 de Julho.

A participação consistirá na coleta de informações durante os treinos, por meio de fichas de avaliação, observações técnicas e entrevistas com a comissão técnica. O processo não envolve risco físico adicional além das atividades normais de treino.

Os benefícios esperados são a melhoria no acompanhamento e desenvolvimento dos atletas, contribuindo para práticas mais justas e transparentes na formação esportiva.

Garantias ao participante

A participação é voluntária, podendo ser interrompida a qualquer momento, sem prejuízo ao atleta.

As informações coletadas serão mantidas em sigilo, sem identificação individual.

Os resultados serão divulgados apenas em caráter coletivo, para fins acadêmicos.

Nenhum custo ou remuneração está envolvido na participação.

Consentimento

Declaro que, após os devidos esclarecimentos, AUTORIZO a participação de meu/minha filho(a) na pesquisa, ciente de todos os direitos acima.

Nome do responsável: _____

Assinatura: _____

CPF: _____

Data: // _____

Modelo – TALE (Apêndice B)

APÊNDICE B – TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TALE)

Título da pesquisa: Indicadores de desempenho e potencial de atletas: uma análise no Esporte Clube 14 de Julho

Olá! Você está sendo convidado(a) a participar de uma pesquisa que será realizada no Esporte Clube 14 de Julho.

O objetivo é acompanhar o desenvolvimento dos atletas durante os treinos, observando aspectos técnicos, físicos, táticos e de comportamento. Isso será feito por meio de fichas de avaliação e observações, sem mudar a rotina normal dos treinos.

Sua participação é voluntária: se não quiser participar ou quiser sair da pesquisa em qualquer momento, não haverá nenhum problema para você no clube.

Suas informações pessoais não serão divulgadas. Os resultados vão aparecer apenas de forma geral, sem nomes.

Eu entendi as informações e ACEITO participar desta pesquisa.

Nome do atleta: _____

Assinatura do atleta: _____

Data: // _____

APÊNDICE C – Ficha de Avaliação Individual

FICHA DE AVALIAÇÃO INDIVIDUAL – CATEGORIAS DE BASE

Nome do atleta: _____

Categoria: ☐ Iniciação ☐ Desenvolvimento ☐ Competição

Idade: _____ Altura: _____ Peso: _____

Frequência nos treinos (últimos 30 dias): ☐ Alta ($\geq 90\%$) ☐ Média (70–89%) ☐ Baixa ($< 70\%$)

Avaliado por: _____

Data: // _____

Indicadores Físicos (1–5)

Velocidade (20 m) _____

Agilidade (Modified Agility T-Test) _____

Força geral _____

Indicadores Técnicos – Ofensivos (1–5)

Passe _____

Finalização _____

Controle de bola _____

Drible (1x1) _____

Indicadores Técnicos – Defensivos (1–5)

Desarme _____

Interceptação _____

Cobertura _____

Marcação individual _____

Indicadores Táticos (1–5)

Posicionamento _____

Tomada de decisão _____

Movimentação sem bola _____

Indicadores Psicossociais (1–5)

Disciplina _____

Cooperação _____

Resiliência _____

Engajamento escolar/familiar _____

Observações gerais do treinador:

APÊNDICE D – Roteiro de Entrevista Semiestruturada

Título: Roteiro de Entrevista – Avaliação de Desempenho e Potencial

Público-alvo: Membros da comissão técnica (treinadores, coordenador técnico, preparador físico)

Bloco 1 – Práticas atuais

Como vocês avaliam atualmente o desempenho e o potencial dos atletas da base?

Que critérios utilizam para decidir a promoção ou permanência de um atleta em determinada categoria?

Existe algum tipo de registro ou acompanhamento sistemático desses dados atualmente?

Bloco 2 – Experiência com os novos indicadores

4. Como foi a experiência de utilizar os novos indicadores durante os treinos?

5. Quais pontos positivos vocês perceberam?

6. Houve dificuldades ou limitações durante o preenchimento das fichas?

Bloco 3 – Dimensões psicossociais

7. Os indicadores ajudaram a perceber aspectos como disciplina, cooperação e engajamento escolar/familiar?

8. Esses fatores influenciam no desenvolvimento técnico e tático?

Bloco 4 – Melhorias futuras

9. O que vocês mudariam ou ajustariam no modelo proposto?

10. Vocês consideram viável a continuidade da utilização desses indicadores? Por quê?

APÊNDICE E – Protocolo do Teste de Passe

Objetivo: Avaliar a precisão e a força do passe em situação controlada.

Materiais necessários:

5 bolas oficiais

Cones para demarcar o alvo (1,5 x 1,5 m a 10 m de distância)

Cronômetro

Ficha de registro

Procedimento:

O atleta realiza 10 passes consecutivos em direção ao alvo.

O avaliador recoloca a bola rapidamente para manter o ritmo.

Cada acerto no alvo vale 1 ponto.

Registro: Nota 1 a 5, conforme tabela:

1 = 0 a 2 acertos

2 = 3 a 4 acertos

3 = 5 a 6 acertos

4 = 7 a 8 acertos

5 = 9 a 10 acertos

APÊNDICE F – Protocolo do Teste de Finalização

Objetivo: Avaliar a precisão e potência do chute.

Materiais necessários:

10 bolas oficiais

Gol com goleiro (ou alvo dividido em 4 quadrantes)

Cones para demarcação da linha de chute (15 m da meta)

Ficha de registro

Procedimento:

O atleta realiza 10 finalizações: 5 com bola parada e 5 com bola em movimento.

O avaliador alterna passes para dificultar a previsibilidade.

Cada chute no alvo ou defesa difícil do goleiro = 1 ponto.

Registro: Nota 1 a 5:

1 = 0 a 2 acertos

2 = 3 a 4 acertos

3 = 5 a 6 acertos

4 = 7 a 8 acertos

5 = 9 a 10 acertos

APÊNDICE G – Protocolo do Teste de Drible 1x1

Objetivo: Avaliar a capacidade do atleta em superar adversários no confronto direto.

Materiais necessários:

Espaço delimitado (12 x 15 m)

5 bolas

1 defensor adversário

Ficha de registro

Procedimento:

O atacante tem 5 tentativas de ultrapassar o defensor com posse de bola.

O ponto de chegada é demarcado por cones na linha final.

Cada drible bem-sucedido = 1 ponto.

Registro: Nota 1 a 5:

1 = 0 ou nenhum drible

2 = 1 drible

3 = 2 dribles

4 = 3 a 4 dribles

5 = 5 dribles

APÊNDICE H – Protocolo do Teste de Desarme/Interceptação

Objetivo: Avaliar eficiência em ações defensivas.

Materiais necessários:

Espaço delimitado (12 x 15 m)

5 bolas

1 atacante adversário

Ficha de registro

Procedimento:

O defensor tenta interceptar a bola ou realizar o desarme em 5 tentativas.

O atacante deve conduzir a bola até a linha final.

Cada desarme ou interceptação bem-sucedida = 1 ponto.

Registro: Nota 1 a 5:

1 = 0

2 = 1

3 = 2

4 = 3 a 4

5 = 5

APÊNDICE I – Protocolo do Teste de Velocidade (20 m)

Objetivo: Avaliar a velocidade linear do atleta.

Materiais necessários:

Cronômetro eletrônico ou célula fotoelétrica (se disponível)

Pista de 20 m demarcada com cones

Ficha de registro

Procedimento:

O atleta realiza 3 corridas de 20 m em máxima intensidade, partindo parado.

Intervalo de 2 minutos entre tentativas.

Registrar o melhor tempo.

Registro: Nota 1 a 5 com base em tabelas normativas ajustadas por idade/categoria.

APÊNDICE J – Protocolo do Modified Agility T-Test (MAT):

Objetivo: avaliar a capacidade de mudança de direção e velocidade em deslocamentos múltiplos.

Materiais necessários:

4 cones dispostos em formato de “T”, cronômetro.

Ficha de registro

Procedimento:

Atleta parte do cone central, corre 10 m à frente, toca o cone, desloca-se lateralmente 5 m à direita, depois 10 m à esquerda, retorna ao cone central e volta correndo 10 m até a linha inicial.

Registro: Melhor tempo em duas tentativas.

Escala (1–5): Atribuída com base nos quintis da amostra (1 = muito abaixo da média, 5 = muito acima da média).

APÊNDICE K – Protocolo de Observação em Jogos Reduzidos

Objetivo: Avaliar tomada de decisão, posicionamento e movimentação sem bola.

Materiais necessários:

Campo reduzido (30 x 20 m)

2 equipes de 4 jogadores

Cronômetro

Rubrica de avaliação previamente definida

Ficha de registro

Procedimento:

Realizar jogo reduzido de 10 minutos (4x4).

Avaliadores treinados observam tomada de decisão, movimentação e posicionamento.

Utilizar rubrica padronizada para atribuir notas.

Registro: Nota de 1 a 5 para cada critério (1 = insuficiente; 5 = excelente consistência).

APÊNDICE L – Quadro-Resumo dos Testes e Indicadores Utilizados

Teste/Instrumento	Objetivo	Materiais necessários	Crítério de registro (escala 1–5)
Ficha de Avaliação Individual (Apêndice C)	Consolidar os resultados de todos os indicadores (físicos, técnicos, táticos e psicossociais)	Ficha impressa/digital	Notas atribuídas em cada domínio de 1 a 5
Entrevista Semiestruturada (Apêndice D)	Coletar percepções da comissão técnica sobre o	Roteiro de entrevista, gravador ou bloco de anotações	Análise de conteúdo (não quantitativa)

Teste/Instrumento	Objetivo	Materiais necessários	Critério de registro (escala 1–5)
	uso dos indicadores		
Teste de Passe (Apêndice E)	Avaliar precisão e força do passe	5 bolas, cones, alvo a 10 m	1 = 0–2 acertos; 5 = 9–10 acertos
Teste de Finalização (Apêndice F)	Avaliar precisão e potência da finalização	10 bolas, goleiro/alvo marcado, cones a 15 m	1 = 0–2 acertos; 5 = 9–10 acertos
Teste de Drible 1x1 (Apêndice G)	Avaliar capacidade de superar adversário no confronto direto	Espaço 12x15 m, 5 bolas, 1 defensor	1 = 0 dribles; 5 = 5 dribles bem-sucedidos
Teste de Desarme/Interceptação (Apêndice H)	Avaliar eficiência defensiva	Espaço 12x15 m, 5 bolas, 1 atacante	1 = 0; 5 = 5 desarmes/interceptações
Teste de Velocidade (20 m) (Apêndice I)	Avaliar velocidade linear	Pista 20 m, cronômetro eletrônico/fotoelétrico	1 a 5 com base em tabelas normativas por idade/categoria
Teste de Agilidade (Modified Agility T-Test) (Apêndice J)	Avaliar a capacidade de mudança de direção e velocidade em deslocamentos múltiplos.	4 cones dispostos em formato de “T”, cronômetro.	Atribuída com base nos quintis da amostra (1 = muito abaixo da média, 5 = muito acima da média). melhor tempo em duas tentativas.
Observação em Jogos Reduzidos (Apêndice K)	Avaliar tomada de decisão, posicionamento e movimentação	Campo 30x20 m, equipes 4x4, avaliadores treinados	1 a 5 em rubrica de decisão e movimentação

Apêndice L – Cálculo dos índices sintéticos (ITT e IPD)

Índice Técnico-Tático (ITT): média aritmética de (passe, finalização, 1x1, tomada de decisão, movimentação sem bola, posicionamento), todos na escala 1–5.

Índice de Potencial de Desenvolvimento (IPD): média ponderada de (psicossociais + engajamento + assiduidade) na escala 1–5; aplicar bônus de +0,2 quando houver tendência de alta em 2 ou mais ciclos consecutivos.

Leitura: ITT resume desempenho de jogo; IPD resume condições de evolução (comportamento/engajamento). Usar como painel; decisões pedagógicas continuam baseadas nos domínios.